

**LUNDU COLETADO POR MÁRIO DE ANDRADE
ANÔNIMO DO SÉCULO XIX**

*Maria Bernadete Miranda*¹



O **Lundu ou Lundum** é uma dança brasileira de natureza híbrida, criada a partir dos batuques dos escravos bantos trazidos de Angola e dos ritmos portugueses.

Da África, o lundu trouxe a base rítmica, uma certa malemolência e seu aspecto lascivo, evidenciado pela umbigada, pelos rebolados e por outros gestos que imitam o ato sexual.

Da Europa, aproveitou características de danças ibéricas, como o estalar dos dedos, a melodia e a harmonia, além do acompanhamento instrumental do bandolim.

É considerado por muitos como o primeiro ritmo afro-brasileiro em formato de canção, fruto de um sincretismo.

Musicólogos afirmam que o samba tem sua origem no lundu, por via do maxixe, mas há controvérsias quanto a esse ponto.

Em Portugal, o lundu recebeu polimentos da corte, como o uso dos instrumentos de corda, mas foi proibido por Dom Manuel por ser “*contrário aos bons costumes*”. Ao vir diretamente de Angola para o Brasil, porém, recuperou aqui o acento jocoso, mordaz e sensual que incomodara a sociedade lisboeta.

¹ Mestrado e doutorado em Direito das Relações Sociais, sub área Direito Empresarial, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora de Direito Empresarial e Advogada.

Nos finais do século XVIII, presente tanto no Brasil como em Portugal, o lundu evoluiu como uma forma de canção urbana, acompanhada de versos, na maior parte das vezes de cunho humorístico e lascivo, tornando-se uma popular dança de salão.

Em terras brasileiras, a dança do lundu foi cultivada por negros, mestiços e brancos e, durante o século XIX, o lundu virou lundu-canção, sendo apreciado em circos, casas de chope e salões do Império.

Com essa popularidade, tornou-se o primeiro gênero musical a ser gravado no Brasil, com a canção "*Isto é bom*", na voz de Bahiano, em 1902 pela Casa Edison.

O lundu saiu de evidência no início do século XX, mas deixou seu legado, principalmente no que tange ao ritmo sincopado, no maxixe (outra forma musical híbrida urbana que também deve suas origens na polca e na habanera).

Uma modalidade do lundu, a dança de roda, ainda é praticada na Ilha de Marajó e nos arredores de Belém, no estado do Pará, recentemente grupos culturais do entorno do Distrito Federal reiniciaram essa prática.

O lundu nas suas origens tinha sistemática simples, a qual ainda pode-se observar na dança de roda, sua familiaridade.

Músicos iniciam o ritmo Lundu. As pessoas que querem dançar aproximam-se, já entrando na dança. Um sinal da viola é emitido e a primeira dançadora abre espaço no centro da roda que logo se forma com o grupo.

Forma-se a roda e a dançadora, fica no centro dançando até convidar alguém para substituí-la.

O convite pode ser uma batida de pé diante da pessoa, palmas diante da pessoa, uma umbigada ou um toque de ombros à esquerda e em seguida outro à direita.

A dançadora convidada vai para o centro dançar e dança no centro até escolher quem vai substituí-la. Pode ser uma mulher ou um homem. E as substituições continuam por várias vezes.

Quando esta no meio da roda, o dançador faz evoluções inteiramente relaxado, braços caídos ao longo do corpo, pernas meio flexionadas, mantendo um sapateio em que a planta do pé bate inteiramente no chão, ao ritmo da música.

A predominância dos dançadores é de mulheres. Homens em geral ficam apenas olhando ao redor, mas ao serem convidados, vão para o centro dançar.

Se ao sair convidam uma dançadora com umbigada, faz-se grande algazarra no grupo. Não se registra umbigada de homem em homem, mas entre mulheres há umbigada indistintamente em outra mulher ou em homem.

Em várias documentações consultadas há referência de proibição da umbigada entre parentes próximos – pai e filha, padrinho e afilhada – Pode-se concluir que há aí uma representação do ato sexual no movimento.

“*Havia mulatos célebres, aplaudidos nos salões por darem ao lundum um acento libidinoso como ninguém: era uma feiticeira melodia sibarita, em lânguidos compassos entrecortados, como quando falta o fôlego, numa embriaguez de sensualidade voluptuosa.*” (Oliveira Martins, História de Portugal, vol. II, Lisboa, 1920).

Segundo historiadores, José Bonifácio de Andrade e Silva, o “colosso”, adorava lundu. Dizem que quando a música começava a tocar, ele soltava as tranças e se punha a dançar, inclusive em cima das mesas. Ele foi o homem que fez o Brasil independente, não conseguindo somente abolir a escravidão e reparar as injustiças aos negros lunduzeiros.

Lundu foi enredo da Escola de Samba Mocidade Independente de Padre Miguel em 1972.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Mário de. *Ensaio sobre a música brasileira*. São Paulo: Martins Fontes, 1962.

_____. *Modinhas imperiais*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.

ARAÚJO, Mozart de. *A modinha e o lundu no século XVIII*. São Paulo: Ricordi Brasileira, 1963.

BRASIL. *Fundação Biblioteca Nacional. Acervo de música*. Disponível em: <https://www.bn.br/acervo/musica-arquivo-sonoro>. Acesso em: 30/08/2015.

LIMA, Edilson Vicente. *As modinhas do Brasil*. São Paulo: Edusp, 2001.

PORTUGAL. *Biblioteca Nacional de Portugal. Acervo de manuscritos digitalizados*. Disponível em: <http://purl.pt/index/geral/PT/index.html>. Acesso em: 30/08/2015.

WIKIPÉDIA. *Lundu*. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Lundu>. Acesso em: 30/08/2015.